



para tomar o aspecto da “mostração” na clínica com bebês em que a “não fala” do bebê apela ao momento de “não fala” dos cuidadores, indicando que apenas a imagem pode se apresentar na sessão clínica. Por isso, Cláudia recruta o espaço topológico que permite considerar relações de profundidade e uma temporalidade outra, abrindo assim um espaço a essa imagem que se mostra, deixando que dela se separem insígnias e emanem pontos de fuga e invisibilidade, para então poder ler a letra que decanta da parte imagética que se mostra.

Cláudia constata, desta forma, que a imagem com apoio da letra torna-se imprescindível para a viabilidade das leituras dessa clínica. Assim, não se trata de tomar o bebê como consequência das marcas de seus cuidadores, mas de verificar os efeitos de real que o bebê provoca em seus cuidadores que, tomados juntamente com o bebê em seu espaço também de “não fala”, marcam singularmente o encontro do *infans* com a linguagem.

Assim, na configuração proposta pela autora, a clínica com o bebê não considera somente os indivíduos ali presentes, mas é uma prática pensada a partir da estrutura, entre lugares e funções. Espaço em que a palavra circula ou a imagem se apresenta, tendo o bebê como seu ponto de cruzamento, destaca os lugares relativos aos enunciados e as enunciações e localiza a transferência ao analista como uma transferência temporária,

relativa a um empréstimo de sustentação da suposição de saber que foi rompido precocemente com os pais, provocando transbordamento de angústia.

Por isso, o sofrimento incidente nessa clínica é tematizado como cruzamento do insuportável do real e da angústia que, amalgamando presente, passado e futuro, imobilizam avatares do sujeito em sua condição lógica de linguagem.

O bebê encontra-se em lugar de objeto para seus Outros parentais, provocando uma divisão do sujeito no lugar do Outro e imprimindo essa condição de não fala que evoca elementos do real. É o que convoca as noções de transcrição descritiva e de angústia. A noção de *transcrição transitiva* é necessidade concebida como uma leitura das insígnias do Outro, que o bebê realiza – com o real de seu corpo – na sua imersão na linguagem; a noção de *angústia* comparece em sua condição para a divisão do sujeito, fundamental para reconhecer a clínica do mal estar em se tornar um sujeito de fala, nos impasses que podem advir de sua condição de dependência em relação ao desejo do Outro. Dois elementos chave constantes da angústia nessa clínica, são então tratados pelas vertentes de morte e invasão, como ondas que se entrecruzam e que aparecem e se repetem. Com traços da clínica, a autora demonstra em seu escrito como a angústia transvasa os corpos para cifrar a realidade psíquica do *infans*.

Assim, o texto de Cláudia Mascarenhas Fernandes inaugura uma perspectiva inédita de tratamento topológico do que ata recém nascidos e seus responsáveis a partir de um modo inédito de praticar a clínica psicanalítica do real. Ao transmitir uma prática clínica que tenta desfazer os impasses que podem fisgar o sujeito no momento do encontro entre o *Infans* e a linguagem, a autora sustenta brilhantemente que não apenas esta prática clínica pode ser fundamentada no campo da psicanálise, mas que ela pode ainda ser a forma mais radical de apresentação da psicanálise, que ultrapassa semblantes e se afirma prática de discurso sem palavras. Afinal, uma clínica do real, do escrito, e de suas leituras apresenta-se aí radicalmente.

angelavorcaro@uol.com.br

*Recebido em fevereiro/2012.*

*Aceito em fevereiro/2012.*